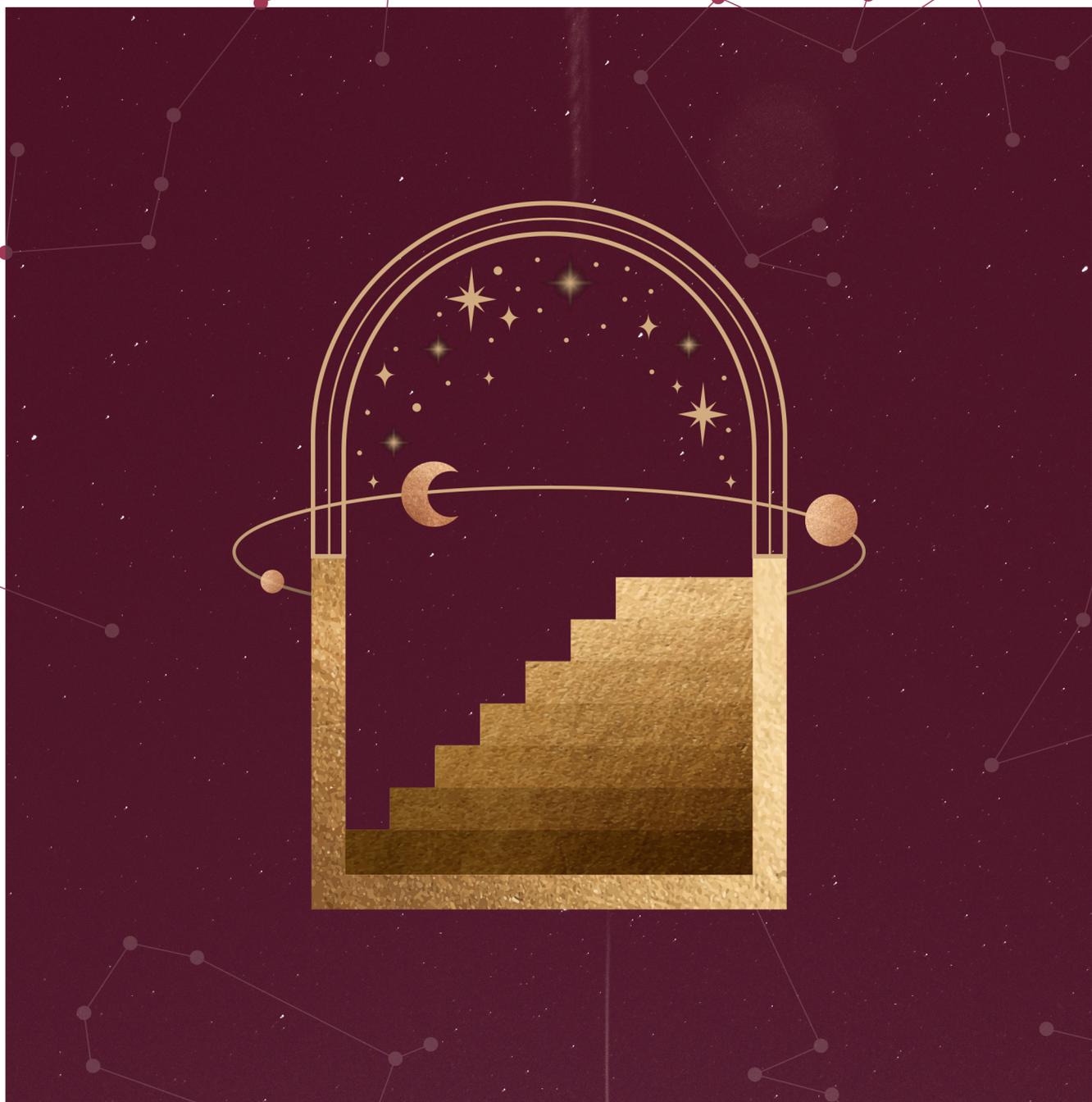




maçã  
do amor



<b>Asas Selvagens e Veludo Vermelho</b>	<b>5</b>
<b>Uma Vela no Espaço</b>	<b>16</b>
<b>O Zodíaco e a Criação de Personagens</b>	<b>19</b>
<b>A Origem da Estrela-do-mar</b>	<b>24</b>
<b>Estrelas</b>	<b>32</b>
<b>Amor Próprio</b>	<b>35</b>
<b>Arte Digital</b>	<b>44</b>
<b>Pés no Chão</b>	<b>46</b>

# Carta da editora

Existem infinitas possibilidades para o que você poderia estar fazendo nesse exato momento, mas por algum motivo, você escolheu abrir essa revista e ler minhas palavras. O que você talvez não saiba ainda é que, ao fazer essa escolha, infinitas novas possibilidades estão prestes a se abrir para você, afinal, uma história nunca acaba na sua última palavra quando a levamos conosco. Isso, é claro, se você fizer sua parte.

Um erro muito grande é acharmos que, só porque algo está destinado a acontecer, nós não precisamos lutar por ele. Por isso, esperamos que em “Escrito nas Estrelas” você descubra que destino é apenas uma palavra bonita para trabalho e dedicação, e que todo amor vale mais a pena quando acreditamos nele.

Afinal, em um céu cheio de estrelas, quem somos nós para não acreditarmos nas histórias que elas contam?

**Ana Farias Ferrari**



# Asas Selvagens e Veludo Vermelho



Bia Chaves é paraense, professora, escritora e amante de cachorros e café, não necessariamente nessa ordem. Quando não está preparando aulas e corrigindo textos, se dedica à escrita de mundos fantásticos. Atualmente tem três livros solos publicados e diversos textos em antologias e revistas. E espera que seja só o começo.



@chavesdebia



@chavesdebia

— Aproximem-se, meus jovens, pois o auge da lua é o momento de ouvir e contar histórias. Depois que ela se vai, vai-se escondendo entre a luminosidade do sol, é vez das histórias silenciarem.

As crianças se amontoaram em torno da fogueira, olhinhos ávidos iluminados pelas chamas. O sábio riu enquanto se sentava no toco de árvore que lhe servia de assento, observando, em cada rostinho, a chama de almas cuja vida apenas iniciara.

— Tio Ubirajara, eu quero uma história de *ação* — Kauê, menino de bochechas gordinhas da ponta esquerda, proclamou com imperiosidade.

— Não, não — Tasso, lá de trás, um menino sensível cujo olhar se escondia por trás de lentes grossas para miopia, interveio. — Quero uma história que faça chorar.

— Pois eu quero uma de amor. — Poti, sentada bem na frente, com seus cabelos cacheados revoltos pela brisa, riu exibindo a janelinha dos dentes.

As vizinhas foram se erguendo, cada uma atropelando a outra, até se tornarem uma cacofonia de pedidos e súplicas. Mas o pajé não se inquietou. Deixou que a balbúrdia se prolongasse por mais alguns instantes, então, calmamente, sem proferir palavra, ergueu a mão esquerda, deixando-a ser iluminada pelas chamas.

A clareira imediatamente silenciou.

— A história que vou contar hoje possui tudo o que vossos corações pediram — ele sorriu, esticando as bochechas enrugadas. — Ação, romance, pode até fazer um ou dois pares de olhos verterem lágrimas. Mas peço que me escutem com muita atenção, e que guardem todas as palavras para depois do fim da narrativa.

Agora todos os lábios estavam firmemente fechados e todos os olhinhos atentos. O homem alargou o sorriso. Olhou para cima: o céu estava pesado de estrelas, a lua, cheia e redonda, ancorada no centro. Era o momento perfeito para contar sua história. Ele fechou os olhos por um instante, sentindo o cheiro e escutando os sons da mata, deixando-se preencher por aquele

lugar e aquele instante.

Então, ao dar-se por satisfeito, começou:

— Esta história, meus filhos, se passou há muitos e muitos anos, quando esta mata ainda era virgem e a magia ainda corria solta pelos ares. O rio era repleto de elementais da água, que a forneciam doce e fresca e faziam nascer milhares de peixes. A pesca e a caça eram fartas. Os animais ainda falavam a língua dos homens. E os homens, ah!, eles sabiam dar valor à natureza que lhes rodeava.

“Havia dois tipos de homens naquele tempo: duas aldeias, que cultivavam entre si tanto ódio quanto mágica. A primeira, que vivia lá pelas margens do rio Atapuéra, chamava-se *Asas Selvagens*. Como o nome sugere, eles eram livres, esplendorosos, mas tinham uma energia caótica que podia ser tanto bela quanto perigosa. Durante o dia, vestiam corpos humanos. Ao cair da noite, transformavam-se nas aves que hoje conhecemos como urutaus.

“A segunda aldeia era a dos *Veludos Negros*. Eles já não eram tão dados à violência, eram seres sensíveis, que valorizavam a sabedoria e a busca por conhecimento. Todos tinham a característica singular de possuir baixa visão e ótimo ouvido e, à noite, quando se libertavam, transfiguravam-se no animal hoje conhecido como morcego. Davam voos rasantes pela noite, soltando gritos que os guiavam pela penumbra e pela escuridão.

“Como vocês sabem, meus pequenos, o urutau é um grande predador do morcego. Isso tornava a aldeia dos *Asas Selvagens* significativamente perigosa aos *Veludos Negros*. Esses últimos, sendo uma raça de estudiosos e não de guerreiros, faziam o possível para se proteger de seus vizinhos bárbaros: esconderijos, armadilhas e estratégias. Entocavam-se lá pelos fundos da mata. E havia, acima de tudo, uma regra absoluta entre os dois grupos: nunca, jamais, confraternizar com o inimigo.

“E esse decreto, por muitas décadas, foi indiscutivelmente respeitado. Até que, naturalmente, um dia, tudo mudou.

“Aconteceu numa noite, na verdade. Foi numa noite quente de verão, como a nossa, que a princesa da aldeia *Asas Selvagens* decidiu burlar o toque de recolher e sair pela mata desacompanhada...”

— Por que ela era uma princesa, tio Ubirajara? — Poti interrompeu com a vozinha cândida, arregalando os olhos em admiração.

— Fica quieta, Poti, deixa o tio contar a história — Kauê resmungou, irritado.

— Não fala assim com ela! — Tasso rebateu, a vozinha tímida, mas firme, fitando Poti com as bochechas coradas.

O velho Ubirajara não se deixou abalar com a discussão. Sorriu pacientemente e deixou que os ânimos se acalmassem para dessa vez erguer as duas mãos, num gesto que exalava calma e anos — muitos, muitos anos — de sabedoria. As três crianças enfim emudeceram, exibindo semblantes envergonhados.

— Calma agora, calma. Vamos prosseguir com a história.

— Respondendo à sua pergunta, querida Poti, chamo a moça de princesa porque ela era filha do cacique dos Asas Selvagens, e era, para todos os padrões e costumes da época, pura realeza. Ah, mas ela não era nada como uma princesa de contos de fada, não. Seu nome era Jaruatí, que na língua deles significa *Lua Flamejante*. E assim era ela, como um corpo celeste de força irrefreável, mergulhada em fogo e labaredas que incendiavam tudo o que tocava. Seus cabelos eram cheios e revoltos, seu rosto era travesso e seu sorriso tinha um quê de malícia, embora seu coração fosse puro, a despeito do espírito selvagem.

“A noite estava se esvaindo, e assim a moça já não podia libertar seu urutau, de modo que caminhava a pés descalços mata adentro. Não sabia bem o que tencionava encontrar. Somente que seu peito ansiava por algo novo. Já não aguentava mais ver os mesmos rostos de sua aldeia, planar sobre as mesmas paisagens, dormir sob as mesmas constelações de estrelas. Estava em busca de uma aventura. E estava certa de que a acharia.

“Após muito andar, chegou a uma parte da floresta que até então lhe era desconhecida. Havia uma pequena trilha, e nessa trilha as árvores se abriam em arco como se estivessem ali só esperando para que um dia Jaruatí passasse. Impetuosa, a moça foi entrando sem cerimônias, certa de que nenhum rugido ou rosnar de animal selvagem interromperia seus passos.

“O som baixo de choro, no entanto, interrompeu.

“A jovem era tão impetuosa quanto curiosa. Quando ouviu aquele lamentar baixinho, contido, quase como se quem chorava quisesse se punir por cometer tamanho crime que era despejar lágrimas, despertou um desejo em seu coração. Fez com que caminhasse na direção do ruído como num sonho, até se deparar com sua origem.

“Recolhido no chão, recostado sobre os galhos frondosos de um açazeiro, estava um rapaz. Magro, mas comprido, dava para aferir pelo tamanho de suas pernas que tentavam se encolher junto ao corpo. Os cabelos negros, tão negros quanto as mais doces jabuticabas, e o rosto escondido nos joelhos. Seus ombros tremiam conforme seus soluços baixinhos, e cada um desses lamentos saía dolorosamente de seu peito, como se estivessem sendo arrancados à força.

“O pai de Jaruatí diria que era uma vergonha terrível um homem feito chorar. Talvez por isso, pensou ela, o rapaz parecesse tão dolorido; por vergonha. Mas ela não se constrangeu com a cena. Ao contrário, seu coração se encheu de compaixão. Lentamente, sem que o jovem percebesse, ajoelhou-se ao lado dele, e ensaiou pousar a mão em seu ombro.

“Pronto, pronto’, falou baixinho. ‘Por que choras, menino?’

“Ao ouvir sua voz, o homem moço se sobressaltou, e ergueu o rosto num átimo, afastando o ombro que Jaruatí intencionara tocar. Quando a moça viu os olhos do rapaz — brancos, leitosos, quase cegos — seu coração antes piedoso gelou:

“‘Tu és um Veludo Negro!’

“Estava agora horrorizada. Se seu pai a visse confraternizando com o inimigo, seria capaz de atravessar cada árvore da mata para capturá-la e trançá-la numa gaiola.

“E tu és uma Asa Selvagem’, o menino completou; tinha uma voz tão melodiosa que esfriou o terror de Jaruatí por um instante. Dava para ver que os olhos do jovem quase nada viam, mas ele falava com a certeza e a segurança daqueles que enxergam sem ver. ‘O que estás fazendo aqui, tão longe de casa?’

“Não tenho que te dizer nada’, a moça retrucou com agressividade; queria se levantar e sair dali, mas a curiosidade ainda queimava e saiu em forma de provocação. ‘E tu, por que estavas chorando sozinho na escuridão?’

“Se esperava que sua agressão fosse devolvida com mais rudeza, se surpreendeu um tanto. Humildemente, o jovem baixou a cabeça, e seus dedos tocaram o colar de pena de falcão que carregava no peito.

“Nana, minha avó, partiu esta noite, foi para as estrelas. Nós, Veludos Negros, não enxergamos a morte como algo final, por isso não devemos lamentá-la ou pranteá-la. Mas a saudade queimava meu peito de tal forma que precisei vir, derramar algumas lágrimas, sem que minha família testemunhasse.’

“Tamanha franqueza chocou a menina e a deixou sem palavras. Olhou para o rosto do jovem, constatando que havia nele uma estranha beleza: não tinha traços fortes e marcados como os dos homens Asas Selvagens, mas feições meigas e linhas suaves que pareciam formar um poema silencioso.

“Me chamo Amapuã’, o jovem sussurrou na voz cantada. ‘E tu?’

“Não era para nós dois estarmos conversando’, a moça falou com rispidez, mas, um segundo depois, como se sua boca não obedecesse à mente, sussurrou de volta: ‘O meu nome é Jaruatí.’

“O jovem assentiu. Recostou-se mais uma vez na árvore, sereno, como se não estivesse ao lado de uma inimiga mortal.

“Me faça companhia hoje, Jaruatí. O pesar já é denso demais para vir acompanhado da solidão.”

“Jaruatí queria protestar, fugir, fingir que jamais havia encontrado aquele estranho jovem entre as matas. Mas sentia um estranho impulso de permanecer ao lado dele, uma irresistível atração. Devagar, meio a contragosto, encostou-se também no tronco áspero, e agora podia sentir o calor do corpo do outro junto ao seu.

“Passaram alguns minutos em silêncio. O tipo de silêncio tão agradável que não se sentia a necessidade de quebrá-lo.

“Até que, por fim, Amapuã suspirou.

“As estrelas estão belas esta noite, não acha?”

“Jaruatí o fitou com olhos céticos.

“Como sabe, se não pode vê-las?”

“Amapuã tinha os olhos cegos voltados para o céu, parecendo olhar nada e tudo. Sua mão direita, que estava apoiada na terra, roçou muito de leve os dedos de Jaruatí, fazendo uma faísca subir pela pele da moça; ela se convenceu de que fora por acidente, caso contrário teria de puxar briga com seu inimigo e, estranhamente, não o queria.

“‘Tens que aprender a enxergar com o coração’, o jovem murmurou, despreocupado dos pensamentos violentos da moça. ‘Os olhos enxergam muito pouco.’

“Na sua voz tinha a tranquilidade e a certeza de quem não sentia raiva, não tinha labaredas queimando de dentro para fora em seu corpo, e sim uma chama calorosa e segura aquecendo o centro do peito. O incêndio irrefreável que era Jaruatí foi atraído por aquela fogueira serena que era Amapuã.

“A tua Nana’, sussurrou ela, hesitante. ‘Me conta um pouco dela.’

“O rapaz sorriu de lábios fechados, sem parecer de modo algum estranhar a pergunta.

“Conversaram, esse par improvável, pelo restante da madrugada. Ah, as estrelas brilharam tanto naquela noite; pareciam não desejar ir embora. Iluminaram o casal como quem abençoa uma união traçada há muito por forças que não ousamos compreender. Com o despontar do sol, Jaruatí precisou voltar às pressas para casa, mas deixou naqueles lados da mata o que tinha de mais precioso: seu coração.”

— Eles se apaixonaram, não foi? — Poti interrompeu uma vez mais, piscando os olhinhos sonhadores. — Que lindo.

— Eca — Kauê se intrometeu, o nariz franzido numa careta petulante. — Que nojo.

— Eu achei bonito — Tasso arrematou, olhando timidamente para Poti. O velho pajé abriu um sorriso silencioso.

— Ah, eles se apaixonaram. E passaram a se encontrar todas as noites, naquele mesmo horário, naquele mesmo local. Antes disso, Jaruatí voava como urutau com sua família, caçando insetos e pássaros, mas jamais voltou a perseguir morcegos. Já Amapuã, quando voava como morcego, já não temia o canto dos urutaus ao longe, mas sentia o coração cantar de alegria ao ouvi-lo, sabendo que o som anunciava sua amada.

“Amapuã e Jaruatí eram o casal mais improvável e, talvez por isso mesmo, mais perfeito que já existira. Ele acalmava os ímpetos selvagens dela, ensinando-a sobre as estrelas, sobre a magia e sobre a terra, fascinando a moça com suas palavras inteligentes. E ela injetava no rapaz tímido doses de coragem, ensinava-o a escalar as árvores mais altas, a banhar-se no fundo do rio com as sereias, a correr como se mesmo em forma humana tivessem asas.

“Tudo era perfeito, costurado com afeto pelo destino, sem qualquer falha. E, por isso mesmo, numa noite tão bela como a que a iniciara, a história teve de terminar.

“Acontece que Jaruatí, e nem mesmo ela sabia disso, estava prometida para outrem. Seu pai, o cacique guerreiro mais bravo naquelas terras já vistas, desejava ver sua filha casada com homem de igual valor. Este era Imerê, que depois do cacique era o urutau mais forte, de peito mais emplumado, de força mais incomparável e de brutalidade mais declarada de toda a aldeia.

“Mas, mesmo todo embrutecido, Imerê realmente amava Jaruatí. Observava-a, desde criança, desbravando as matas como se destas fosse dona, e era apaixonado por tal coragem que beirava a imprudência. Por isso, de tanto observá-la, notou seus sumiços depois dos vôos rasantes de toda noite, suas escapulidas de fininho depois que todos se recolhiam para dormir.

“Então, numa dessas noites, a seguiu mata adentro. Tinha o costume dos pássaros noturnos de se movimentar sem ser percebido. Seus olhos brilhantes, acostumados com a escuridão, acompanharam a silhueta da moça com facilidade e a seguiram pelo arco de árvores — que se balançavam inquietas, como se tentassem alertar Jaruatí: cuidado, cuidado, não vá por esse caminho hoje! — alcançando-a quando chegou à árvore infame.

“E ali, escondido entre as folhagens, testemunhou Jaruatí envolver nas mãos o rosto de Amapuã — um Veludo Negro, patético, magricela e sem vigor! — e beijar seus lábios de maneira tão terna e tão sentida, e olhá-lo nos olhos cegos de modo como nunca havia olhado Imerê.

“A raiva queimou no peito do guerreiro. Alastrou-se como uma quei-

mada impossível de conter. Sem que pudesse segurá-lo, um grito rasgou sua garganta e urrou por entre seus dentes, e ele irrompeu de seu esconderijo, apavorando o jovem casal.

“Como pôde, Jaruatí?”, exclamou, a voz um rosnado de animal ferido. ‘Unindo-se de tal repugnante maneira a um inimigo! O que seu pai pensaria?’

“O que meu pai pensaria não importa’, Jaruatí rebateu, os olhos em fogo, o corpo fazendo escudo de proteção para o amado. ‘Eu o amo. Não tens nada que fazer com isso, Imerê.’

“O guerreiro soltou uma risada seca e repleta de mágoas, e desviou os olhos do objeto de sua afeição para encarar o rival, mesmo sabendo que este não podia vê-lo.

“Vai deixar que tuas palavras sejam ditas pela boca da moça, covarde? Resolvamos isso como *homens*. Um embate pelo coração de Jaruatí. Se tiveres honra, se não te comportares como o rato com asas que viras à noite, vais aceitar o desafio.’

“Não!’, Jaruatí gritou. ‘Meu coração já é de Amapuã, Imerê. Não podes tomá-lo.’

“Imerê a ignorou, os olhos ainda fixos em seu inimigo. E, para sua surpresa e desgosto, o morcego realmente se manifestou, afastando-se gentilmente da proteção da amada, movendo-se até ficar cara a cara com seu desafiante.

“Jaruatí, pela primeira vez na vida, tremia de medo.

“Amapuã... não... não precisas.’

“Não temas, minha lua. Não estou disposto a utilizar da violência.’ E com a mesma suavidade da voz, voltou o rosto para Imerê; os olhos que deviam não ter luz pareciam tão nítidos que era como se realmente pudessem ver a alma do guerreiro, e tudo o que olhos mundanos não podiam ver. Imerê se mexeu em raiva e desconforto. ‘Imerê, posso perceber que amas minha Jaruatí, talvez um sentimento quase tão profundo quanto o meu; digo *quase* porque creio, com toda a humildade, que em toda a Terra jamais houve um amor tão intenso quanto o que sinto. Por isso, lhe peço, em nome do amor que ambos sentimos pela mesma mulher, que declaremos trégua. Que não a façamos sofrer.’

“As palavras eram doces e mansas, e talvez, num outro momento, com menos raiva e ressentimento queimando em suas veias, Imerê houvesse escutado o sentido nelas, teria recuado, desistido da luta. Mas aquela era a mulher que ele havia amado a vida inteira, e ela havia entregado o coração para aquele morcego sem bravura e sem força, de frases suaves e acovardadas. Então,

infelizmente, o guerreiro não pôde perdoar.

“Aproveitou-se da força da Lua, que ainda lhe concedia certo poder de transformação. Deixou seus dedos se converterem em garras longas de urutau, e seus dentes rangeram no interior da boca, deixando escapar toda a sua selvageria:

“Recuar jamais’, rosnou. ‘Jaruatí era minha, *minha*, e tu a roubaste de mim. E se não posso tê-la, tu também não terás.’

“Com rapidez e crueldade, enterrou as garras no peito de Amapuã.”

— Não! — Poti exclamou, os olhos se inundando de lágrimas.

— Não quero ouvir, não quero ouvir, não quero ouvir — Tasso entou, as mãozinhas cobrindo os óculos que cobriam os olhos.

— Quanto drama. É só uma história — Kauê grunhiu, os braços cruzados.

O velho Ubirajara suspirou. A tristeza e o luto lhe cobriam o peito ao entoar a história, como se esta houvesse acontecido ainda ontem.

— Os olhos de Amapuã, que nunca haviam enxergado nada, se voltaram uma última vez para o rosto de Jaruatí, e realmente pareceram vê-lo, antes de se fechar para sempre. Imerê recuou um passo ao perceber o que fizera, horrorizado com o corpo inerte do jovem que agora jazia à sua frente. Jamais em sua vida o guerreiro havia provocado uma morte assim tão desonrosa, ceifando a vida de alguém que sequer levantara as mãos para se defender.

“Jaruatí, por sua vez, sentia uma dor incapaz de ser contida. Um grito saiu com violência de seu peito, e o berro foi tão alto que sacudiu todas as árvores a quilômetros de distância. Assim, mesmo com a lua já se escondendo entre as nuvens, a moça sentiu transformar-se, penas substituindo pele, bico substituindo boca, asas brotando das costas.

“Jaruatí voou. Voou mais alto do que qualquer ave já havia voado em vida. Ultrapassou as nuvens, ultrapassou as estrelas, como se assim pudesse também deixar para trás a dor da perda do amado. Assim alcançou a Lua que, em todo o seu esplendor, banhou a jovem moça-pássaro com sua luz branca.

“Mas chegar assim, tão perto da Lua, não era para mortais. O ar nos pulmões de Jaruatí a deixou e seu coração, já fraco por estar partido, deixou de bater. Como um bebê gentilmente colocado no berço, ela desceu devagar de volta à Terra, até vir bater no chão, já humana, o corpo inerte ao lado de seu amado. Imerê, tomado de culpa e agonia, se jogou no rio, e foi tragado pelas sereias, que podiam se transfigurar de doces a traiçoeiras conforme faziam julgamento daqueles que adentravam seu lar.

“As três mortes não passaram despercebidas pelas duas aldeias. Cada uma culpou a outra pela tragédia, e urutaus e morcegos lutaram num embate mortal por vingança. Não restaram sobreviventes, e assim todos os homens

mágicos desapareceram, e os urutaus e os morcegos que conhecemos hoje são apenas animais que, em silêncio, evitam as cidades e os homens.

“Quanto a Amapuã e Jaruatí, bem... Dizem que a união dos dois foi abençoada pelas estrelas, e que, no tempo certo, lhes será permitido renascer e, assim, vivenciar o amor, que antes não lhes foi plenamente concedido, e que desta vez, espera-se, dure a vida toda.”

O pajé silenciou, e aproveitou o impacto do fim da história para bebericar um pouco d'água de seu cantil, aliviando a garganta seca. Então, correu os olhos por seu grupo de espectadores, aguardando as reações.

Os três maiores entusiastas, claro, não decepcionaram.

— Que lindo. — Poti soluçava; lágrimas escorrendo pela face cândida.  
— E que triste. Eu queria tanto que eles tivessem ficado juntos no final.

— Eu também — Tasso murmurou na voz fininha.

— Eu achei bobeira — declarou Kauê — Bobeira! Odiei essa história.

— Porque tu não tem coração mesmo — Poti mostrou a língua para Kauê, cujo rosto avermelhou de raiva.

Antes que aquilo se transformasse em histeria, Ubirajara apaziguou:

— Gostar ou não gostar é algo pessoal de cada um, Poti. O importante, entretanto, é atentar-se para a mensagem da história. Deve-se sempre *enxergar com o coração*. Se Imerê o tivesse usado para enxergar, ao invés dos olhos, não teria dado o golpe em Amapuã que desencadeou toda a tragédia.

A isso, as crianças não tiveram o que dizer. Mesmo Kauê parecia mais amansado. Sorrindo, o velho sábio fez um gesto com as mãos, como que espantando seus ouvintes:

— Agora, vão. Está tarde, e suas mães devem estar preocupadas. Soube que hoje é dia de tapioca na folha de bananeira para o jantar.

Isso serviu para debandar os pequenos. Ubirajara riu consigo mesmo ao vê-los correr com entusiasmo, e se levantou do assento com certa dificuldade. Estava prestes a rumar para a própria casa quando sentiu um puxãozinho na calça.

— Tio Ubirajara. — Poti o encarava com a vozinha doce e os olhos de criança sapeca. — O senhor acha que a Jaruatí e o Amapuã já renasceram?

O pajé sorriu quietamente. Acariciou os cabelos em cachos da menina, que sorriu em contentamento.

— Bem, não podemos saber, não é? Quem sabe...

— Poti, vem logo! — Kauê chamou com impaciência; Tasso estava a seu lado, numa expressão desagradada. — Nossas mães estão esperando!

— Tchau, seu Ubirajara! — e o velho homem observou a garotinha

sair correndo, se prostrando entre seus dois fiéis companheiros, que não pararam de discutir por um segundo pelo caminho.

O pajé suspirou. Eram outros tempos. Jaruatí, Amapuã e Imerê tinham novas oportunidades de aprender e de crescer. Ele só rezava, observando-os ir embora, que desta vez as estrelas não fossem escritas em sangue. Que desta vez não houvesse tragédia; que desta vez prevalecesse o amor.

Autoria: Jonah | Edição: Luísa Scheid e Tatiane Lucheis

# Uma Vela no Espaço



Jonah canta, compõe, toca, escreve, produz, edita e desenha. Lançou-se como autor com o livro TUDO O QUE EU NÃO PUDE DIZER, tem um EP em todas as plataformas digitais intitulado "Louco" e é criador e roteirista do podcast "Causos do Vale". Analista de sistemas de segunda a sexta, é na arte que ele encontra a si mesmo.

 @soujonah

 @soujonah

Quando você me olha você me vê,  
Você me contempla como o universo que sou,  
Você viaja a cada canto das minhas paredes invisíveis,  
E é assim que conhece tão bem.

Você fincou sua bandeira em meu coração  
Naquele dia que resolveu sair de casa  
E a viagem foi tão boa que decidimos  
Não voltar nunca mais.

Não entendo o porquê,  
Não sei como,  
Mas sem olhar para o céu,  
Me transportei para você.

Talvez naquele dia você fosse uma estrela  
Porque brilhou quando te vi,  
E encheu de luz o que escurecia em mim,  
E vi a explosão que deu início a nós.

Hoje olho para o que construímos  
E ainda me pego surpreso  
Sobre como duas estrelas  
Puderam virar a luz de um mundo.





# O Zodíaco e a Criação de Personagens



Thais é geminiana com ascendente em aquário, o que é um desafio constante para sua lua em capricórnio, única responsável por mantê-la ancorada na terra. Adora ler e escrever coisas trevosas e tem uma história pronta para contar toda vez que perguntam por que odeia tanto Platão. Seu encontro perfeito envolve queijo, batata frita e conversas estimulantes sobre assuntos potencialmente inúteis.

 @writerthaisrocha

Criar personagens críveis e cativantes é uma das tarefas mais complexas de um escritor. A boa notícia é que existem milhões de recursos, técnicas, fichas e métodos para auxiliar nessa árdua tarefa. Venho, então, sugerir um método para você, escritor(a), que quer acrescentar uma pitada de poeira estelar aos seus personagens: que tal pensar nos signos do zodíaco na hora de criá-los?

A astrologia é muito mais complexa do que o mero horóscopo semanal, envolvendo diversas localizações, planetas, elementos... Mas mesmo nos baseando nos mais simples aspectos, podemos pensar melhor em características gerais, pontos fortes e fracos de nossos personagens!

Por exemplo: quer criar um personagem bem certinho, organizado, com mania de limpeza? Que tal estudar um pouco as características do signo de virgem e incorporá-las a ele? Agora, se é um personagem de pavio curto e explosivo que você quer, que tal, então, explorar o signo de áries?

**Pensando nos quatro elementos e os signos que eles regem:**

- Signos de fogo são mais impulsivos;
- Signos de ar são mais comunicativos;
- Os de água são mais influenciados pelas emoções; e
- Os de terra são mais centrados e realistas.

Outra coisa interessante de notar também é como o planeta regente, combinado com o elemento, pode mudar essas características. Gêmeos e Virgem são ambos regidos pelo planeta Mercúrio, mas o fato de um ser um signo de ar e o outro de terra muda muito como essas características do planeta se manifestarão na personalidade!

Para ajudar nessa tarefa, deixo aqui **um guia básico para você começar sua jornada pelo zodíaco!**



**Áries** 21 de mar. - 20 de abr.

**ELEMENTO** Fogo  
**PLANETA** Marte  
(deus da guerra)

**PALAVRAS-CHAVE** iniciativa,  
intensidade, autenticidade,  
entusiasmo



**Touro** 21 de abr. - 20 de maio

**ELEMENTO** Terra  
**PLANETA** Vênus  
(deusa do amor)

**PALAVRAS-CHAVE** persistência,  
sensatez, lealdade,  
sensualidade



**Gêmeos** 21 de maio - 20 de jun.

**ELEMENTO** Ar  
**PLANETA** Mercúrio (deus da  
comunicação, dos caminhos)

**PALAVRAS-CHAVE** comunicação,  
versatilidade, curiosidade,  
diversidade



**Câncer** 21 de jun. - 20 de jul.

**ELEMENTO** Água  
**PLANETA** Lua  
(regente das emoções)

**PALAVRAS-CHAVE** carinho,  
emoção, pertencimento,  
empatia



**Leão** 21 de jul. - 20 de ago.

**ELEMENTO** Fogo  
**PLANETA** Sol  
(o centro do universo)

**PALAVRAS-CHAVE** coragem,  
 vaidade, lealdade,  
sumptuosidade



**Virgem** 21 de ago. - 20 de set.

**ELEMENTO** Terra  
**PLANETA** Mercúrio (deus da  
comunicação, dos caminhos)

**PALAVRAS-CHAVE** organização,  
determinação, rotina,  
prudência



**Libra** 21 de set. - 20 de out.

**ELEMENTO** Ar

**PLANETA** Vênus  
(deusa do amor)

**PALAVRAS-CHAVE** carisma,  
equilíbrio, diplomacia,  
sociabilidade



**Escorpião** 21 de out. - 20 de nov.

**ELEMENTO** Água

**PLANETA** Plutão (deus  
do mundo inferior e  
da riqueza da terra)

**PALAVRAS-CHAVE** intensidade,  
sensualidade, intuição,  
emoção



**Sagitário** 21 de nov. - 20 de dez.

**ELEMENTO** Fogo

**PLANETA** Júpiter (rei dos deuses,  
dos trovões e do céu)

**PALAVRAS-CHAVE** impulsividade,  
liberdade, determinação,  
positividade



**Capricórnio** 21 de dez. - 20 de jan.

**ELEMENTO** Terra

**PLANETA** Saturno (deus do  
tempo e da abundância)

**PALAVRAS-CHAVE**  
responsabilidade, disciplina,  
coerência, prudência



**Aquário** 21 de jan. - 20 de fev.

**ELEMENTO** Ar

**PLANETA** Urano (deus dos céus)

**PALAVRAS-CHAVE** independência,  
inovação, autonomia, rebeldia



**Peixes** 21 de fev. - 20 de mar.

**ELEMENTO** Água

**PLANETA** Netuno (deus  
dos mares)

**PALAVRAS-CHAVE** sensibilidade,  
maleabilidade, intuição,  
otimismo

Quer exemplos de obras que empregam muito bem o uso dessas características gerais de signos em personagens? A primeira recomendação é Sailor Moon! Tanto o anime quanto o mangá exploram muito bem as diferentes facetas dos planetas e signos, deixando cada personagem única e marcante.

E como aqui na Maçã do Amor a gente ama a literatura nacional, não podia deixar de mencionar dois livros que tratam muito bem de signos: *Os 12 signos de Valentina*, da Ray Tavares, e *Escrito nas Estrelas?*, da Aione Simões.

Esperamos que esse guia tenha te dado um empurrãozinho astrológico de inspiração para os momentos de criação de seus próximos personagens. Afinal, quanto mais autênticos e únicos, mais os personagens geram conexão com os leitores!

Autoria: LSLauri | Edição: Equipe Editorial | Revisão: Camila Paixão

# A Origem da Estrela- do-mar



LSLAURI é uma pessoa interessada na Natureza, na Biologia e nos Animais. Por isso, formou-se em Biologia e Veterinária. Acredita que especular sobre a origem do ser e do destino é o que nos faz avançar moralmente. Adora escrever e é fã de quadrinhos e da boa cozinha.

Quando a Terra deixou de ser uma bola incandescente, os gases existentes na atmosfera se condensaram e formaram os primeiros oceanos, capazes de cinzelar as encostas que os restringiam, retirando delas os materiais formadores das praias. Essas encostas eram fustigadas com água e vento e, assim, placas de rocha eram arrancadas e reduzidas a seixos, diminuindo mais até restar algo anterior a um grão de areia.

Nosso protagonista fazia parte de um paredão de rocha; não importa onde olhasse, tudo era escuridão: ele não entendia o que acontecia, mas sentia em suas entranhas algo pulsante — essa sensação o fazia tremelicar, desejando o novo, o inesperado! Ele estava preso em algo parado até ouvir um rugido e sentir-se em um redemoinho, os sons estavam a cada momento mais próximos dele e isso o extasiava, querendo saber e ver o que viria a seguir. Depois de centenas de milhares de anos, ele percebeu uma luminosidade chegando, e com ela veio a curiosidade do que seria capaz de perceber, quais segredos aquela luz guardaria, que mistérios seriam revelados?

Antes de perceber o mundo ele era imobilidade — até um rugido forte, muito movimento e, então, sons mais amenos iniciarem, ritmados, cadenciados. Ele havia acabado de aportar numa praia, sendo desgastado pelas ondas do mar e pelo vento que ainda fustigava a costa. Outras centenas de anos e, numa manhã sem chuva, uma onda removeu a última camada de rocha e ele então vislumbrou um maravilhoso céu violeta, com nuvens algodoadas ao longe, um Sol de brilho indescritível. Jamais saberemos como este pequenino grão de areia recebeu as sensações do mundo, uma vez que o planeta estava nascente, mas o impressionou de tal modo fazendo-o pensar, imaginar, sentir coisas novas.

— Que será isso? Essa imensidão violeta? Existem outros como eu?

Ele tentou olhar apressadamente ao redor, mas percebeu não conseguir se mover e isso levantou uma dúvida: o que ele era?

Ouviu aquele som cadenciado mais próximo, e depois de algumas horas teve a sensação da umidade, quando a maré alta o recobriu e o fez perceber tudo diferente; alguns seres minúsculos passando acima dele flutuavam

naquele líquido vital, precursor da vida no planeta. Debaixo da água ele ainda percebia o céu violáceo, mas foi notando o dinamismo do dia, assim como eram dinâmicos seu pensamento e sua vontade de saber um pouco mais de si.

— Se existem outros, falem! Por que são tão calados?!

Foi então que alguns daqueles seres minúsculos riram baixinho.

— Que som é esse? Querem falar comigo? Eu não consigo entender...

Um deles se prendeu a ele para não ser levado pela água e comentou:

— Isso é uma risada, pequenino. Estamos rindo de você, porque temos a liberdade de nadar pelo oceano e você não... Ficaré preso aqui para sempre! Ou até que venha uma tormenta e te leve para o fundo do mar, onde só há escuridão...

— Risada... Fizeram esse som porque se acham superiores a mim?

E vários outros passaram, caçoando. O microrganismo se soltou e deu uma pirueta, desaparecendo na água. O grãozinho comentou para si: eles não sabem, mas eu sou muito livre em meu pensamento!

O dia passou com o grão ampliando seus sentidos. Ele percebeu o pôr do Sol deixando o violeta do céu quase um breu, uma tela onde pequeninos pontos coloridos formavam imagens incríveis. Era Lua nova e ele viu as estrelas em todo seu esplendor. Algumas eram azuis, outras amareladas, outras branquíssimas. Umhas maiores, outras pareciam tão pequenas quanto ele. Umhas tinham a luminosidade intermitente, como quem quer conversar por Código Morse. Mas foi no meio da noite daquele primeiro dia que nosso protagonista encontrou, em meio a milhares de centenas de estrelas, uma pela qual se apaixonou.

Ao olhar para aquele pequeno ponto avermelhado no céu, captando toda a sua atenção, ele não sabia ser apaixonado. Ficou imaginando se pensavam igual, se sonhavam ou se por acaso sofriam do mesmo silêncio. Eram cercados por indiferentes? As outras luzes também riam? Achavam-se superiores por algo ínfimo ou diferente? Esses pensamentos aqueceram nosso amiguinho a ponto de, durante o dia, ele se sentir vazio... Sentiu tristeza e se distraía com o mundo ao redor para não se deixar embotar por aquele sentimento.

— O que estou sentindo? Não sei explicar...

Um polvo ancestral que estava de passagem, muito esperto e inteligente, achou deveras interessante um grão de areia capaz de se expressar! Isso o intrigou a ponto de ele questionar:

— Estou ouvindo coisas? Seria a voz vinda de um grão de areia?

— Ah! Finalmente, outro ser que pode me entender! Sim, estou aqui e sou diferente dos outros grãos de areia!

— Eu também sou diferente dos polvos ao meu redor... Vago por aí buscando alguém como eu, mas jamais pensei encontrar um semelhante num pequenino grão de areia. Já encontrei em seres minúsculos que flutuam por este mar, também já encontrei em seres gigantesco nas suas profundezas, mas jamais pensei que algo inerte assim pudesse também ter sua consciência... Intrigante! — ele expressava, enquanto remexia os tentáculos ao seu redor, mantendo-se firme mesmo com a corrente.

— Inerte? O que isso significa?

— Que não se move, meu amigo...

— Deve ser incrível conseguir se movimentar, não é mesmo? E ter respostas pras suas dúvidas?!

E ele passou a contar todas as dúvidas que o assaltavam, falou e falou com tanto entusiasmo até que já não havia mais palavras a serem ditas, deixando o polvo ciente do quanto aquele grão era diferente dele.

— Não, pequeno, infelizmente não tenho essas dúvidas, o mais longe que vou é tentar encontrar outros como nós, mas preciso me preocupar com meu alimento no restante do dia, preciso também encontrar uma parceira... Essa ideia não para de martelar minha mente e, portanto, deve ser verdadeira. Deve ser o motivo pelo qual estamos aqui, mas essa é só uma ideia minha, claro...

— Comida? Parceira?

O polvo fez um movimento engraçado, inflando seus tentáculos e ampliando seu corpo enquanto soltava várias lufadas de água com um som diferente. O grãozinho sabia que aquilo era uma risada e ficou nervoso:

— Não venha me dizer que está rindo de mim?! Eu não sou algo criado para ser motivo de chacota!

— Calma, pequenino... Não estou rindo de você, mas para você, das dúvidas que o assolam, só isso. Respondendo-as: comida é o que todo ser vivo, não inerte, precisa consumir para continuar a viver. Eu vou atrás de peixes e uso minha boca para comê-los, eles deixam de viver para que eu viva. — O grão de areia prestava muita atenção. — Já a parceira é alguém semelhante, mas com estruturas diferentes que permitem trazer ao mundo seres iguais a você, apenas com um abraço apertado. É uma união que leva à multiplicação, entende?

— Hum... Eu não sei se entendi bem... Eu não tenho nenhuma estrutura, não é? Sou inerte, então, de acordo com você, eu não teria direito a uma parceira, apesar de me comunicar com você e ter tantas dúvidas sobre o mundo que nos cerca.

O polvo não respondeu verbalmente, assentiu com a cabeça e, dando um adeus com os tentáculos, sumiu no mar, pois os questionamentos daquele

grão de areia estavam ficando difíceis demais.

Ele suspirou, mais um dia sem respostas... E as dúvidas continuaram. Aquela tristeza permaneceu e o grãozinho percebeu que ela diminuía conforme ia escurecendo; percebeu seu anseio em ver aquele ponto avermelhado novamente e como essa espera o deixava diferente! Apesar da claridade e da quantidade de vida diurna do oceano, ele não via a hora do brilho chegar e, quando a encontrou, seu interior sorriu! Aquela luz não poderia ser sua parceira?

Muito tempo se passou. O pequeno grão foi percebendo o ponto avermelhado ficando maior — quem sabe mais próximo dele? Era uma aproximação bem sutil, mas suficiente para acalantar seu coração e, durante o dia, ele tentava conversar com o máximo possível de seres, perguntar se eles viam aquelas luzinhas no céu e o que achavam delas, mas nenhum deles respondia a contento — até um gastrópode ancestral se aproximar lentamente, explorando o ambiente ao seu redor sem ligar para nosso protagonista. Ao percebê-lo, o grão chamou sua atenção e recebeu uma resposta tão lenta que quase não o entendeu! Sua voz saía na mesma velocidade de seu caminhar, então ele diminuiu a velocidade de sua fala também e conseguiram se entender!

O molusco disse já ter olhado para o céu sim, e dentro dele uma voz disse serem estrelas.

— Estrelas? É uma palavra muito linda, sim... Ela pode bem ser uma estrela... Mas, por que existem tantas cores diferentes? E algumas que pulsam, enquanto outras parecem paradas?

— Calma, meu jovem, calma... Essas questões estão além do que sou capaz de responder, sabe? Mas se você tentar encontrar sua voz interior, talvez consiga as respostas, hein? — Ele virou um dos olhos bem na direção do grãozinho e piscou.

Passaram o restante do dia conversando sobre tudo que o gastrópode já tinha vivido e ele também comentou sobre como havia parado ali, sobre como estava em silêncio por tanto tempo, imóvel, até que um estrondo iniciou toda sua aventura.

— Ah! Eu já vi isso acontecer, sabe? Conversando com outros como eu, mais velhos, esse conhecimento foi passando adiante... — ele parou para descansar um pouco, nunca tinha falado tanto assim. Tomou fôlego e continuou. — Está vendo aquela montanha ali na frente? Pode ser de lá que você veio, estava imóvel porque fazia parte daquilo, até uma onda vir e te arrancar de lá, imagino quanto tempo se passou até que pudesse estar nessa praia, e eu te chamando de “jovem”! Você, junto com esses outros grãos de areia, pode ter testemunhado o início da Terra, meu colega!

Aquilo fazia muito sentido! Era curioso animais como aqueles contarem histórias uns para os outros, com isso, o conhecimento não se perderia jamais! Ele conseguiria, em algum momento, encontrar alguém para contar sobre os seus conhecimentos? E, como que adivinhando seu silêncio, o molusco falou:

— E eu passarei sua história adiante. De sua origem, de sua mente inquieta e do sentimento que nutre pela estrela vermelha! Ah! Que história!  
— Então saiu de fininho, rindo baixinho de contentamento.

A tarde já ia sumindo e o grãozinho aproveitou para tentar encontrar sua voz interior. Acalmou o pensamento, como o gastrópode tinha dito, e focou na estrela vermelha, mas nada! O viscoso colega avisou da dificuldade em ouvir essa voz, mas que ele não desistisse de tentar. Perfeito, pois além de inquiridor, ele era focado. E, focando esse desejo, os dias passaram, seguidos das semanas e dos meses, vieram os anos e, ainda assim, ele só percebeu sua aproximação e isso o fez tentar cada vez mais algum contato. Os evos passaram, a visão embaçou, pois vários outros grãozinhos inertes começaram a se acumular sobre ele. Em tempo, ele encontrava algum gastrópode disposto a trazê-lo para cima, perpetuando um pouco sua existência nesse mundo inconstante.

Ele descobriu que a distância era culpada pela falta de comunicação, pois depois de vários milhões de anos, finalmente ele conseguiu uma resposta, que chegou em sua mente como uma voz cálida e pesada, como alguém que acaba de despertar de um longo sono:

— Hum, quem é você? Onde está? Te ouço, mas não te vejo.

O grãozinho não se continha de contente! Se não fosse inanimado, estaria pulando de felicidade!

— Eu sou um grão de areia, estou bem distante de você, mas há tempos sua visão é o que tem dado sentido à minha existência! Você está em movimento? Parece que te vejo cada vez maior.

— Sim, percebi suas tentativas de contato anterior, mas eram tão fracas que achei serem invenção minha. Agora sua voz parece estar dentro de mim, com uma clareza e efusividade contagiante!

— A sua voz também, querida! Um amigo meu me disse que você é uma estrela, é o nome mais lindo que já ouvi.

Ela soltou um som parecido com um bocejo preguiçoso e demorou alguns dias para continuar o diálogo. O que não impacientou o grão de areia, que continuava a interagir com seu meio, na complacente espera daqueles que amam. Ele notou que antes da voz da estrela chegar em sua mente, sua quentura o alcançava e, com isto, ele se preparava para escutar:

— Mas eu não sou uma estrela comum, grãozinho. Passo por várias

estrelas e todas elas parecem fixas, girando em um eixo ordenado. Meu movimento parece aleatório, algumas vezes sou atingida por meteoros que desviam minha trajetória mas, já há tempos, consigo divisar um pequeno ponto em meu caminho.

— Então você está caindo em direção a este ponto, estrelinha?

Ela riu do diminutivo carinhoso, aceitando em seu interior a sensação distinta que acompanhou a frase:

— Será que esse ponto é onde você está? — E uma ponta de preocupação pôde ser sentida em sua voz.

— Eu espero que sim! E como você está caindo, o que acha de ser uma estrela cadente?

Um som de aceitação tácita, “uhum”, surgiu no interior do grãozinho enquanto a primeira denominada estrela cadente caía de novo em sua dormência costumeira.

Continuaram em diálogo constante, até que dentro dele a voz interior da estrela foi assertiva: ela vinha por ele, o seguiria até sua existência e era muito grata por seu amor! Em uma das conversas, a voz cálida questionou, sem que o grãozinho tivesse tocado neste assunto antes:

— É você meu parceiro?

Sua alegria era indescritível!

— Sim, sim, eu sou seu parceiro!

E a voz cessava, parecendo cair num torpor insuportável... Volta ou outra ela dizia: “estou cansada, meu esforço é enorme!”

E ele se sentia tão mal por ser inerte, por não poder ajudá-la nessa jornada... Mas a sua tristeza não vingava, pois quando a voz quente dela o inundava, ele contava histórias, reais ou inventadas, e a divertia! O sorriso dela era vitalizador!

— Você me diverte, querido! Assim passo mais rápido minha viagem, eu gosto disto...

A conexão dos dois ficou perene e eles passavam os dias trocando sonhos, esperanças e decepções. O medo da estrela cadente era não cair perto dele! O medo dele era ser soterrado antes dela chegar e, mesmo conversando com ela, não conseguir tocá-la... Mas ambos sacudiam os medos com as trocas de várias promessas. A estrela prometia nunca o abandonar e ele prometia fazê-la sentir-se única, sempre! Mas sem possuí-la, pois sabia que não podemos ter o outro, apenas estar com ele durante nossa jornada e, se tivermos sorte, dividir alguns momentos de nossa história. Imagine como seria incrível se um terceiro perguntasse de alguma época de nossas vidas e tivéssemos a mesma

história para contar? Se essa história fosse de confiança, carinho, amor e empatia? Assim conversando, eles perceberam compartilhar várias opiniões.

Finalmente, o momento de a estrela cruzar a atmosfera chegou e sua dor foi tanta que o grãozinho de areia pensou ser incapaz de sobreviver a tamanho sofrimento! Ele sentia as dores da estrela e ela conseguia captar um pouco de sua esperança, e com o que haviam conversado durante esses milênios, sabia em qual praia deveria aportar, mas conseguiria? Sendo ela tão inerte quanto ele! Não tinha controle sobre onde cairia e se seria capaz de chegar até o pequenino grão de areia, mas ela faria de tudo ao seu alcance para isso!

Sua queda ocorreu a alguns quilômetros, dentro do mar. Na sua reentrada, seu tamanho foi reduzido a ponto de ser facilmente transportada pelas marés. A queda na água a fez sentir um alívio imediato, a queimadura do atrito se apagou e a ex-estrela cadente agradeceu ao vasto oceano por propiciar tamanho conforto. Ao se perceber afundando, começou a gritar pelo nosso protagonista:

— Grãozinho! Estou caindo sem parar! Como faço para parar?! Onde está você?

E o que parecia um encontro certo passou por um tempo de incerteza antes de, finalmente, e pela ajuda de um certo clã de gastrópodes, se realizar! A história do grãozinho tinha mesmo sido passada entre os lentos animais e, com isto, bastava à estrela comentar de sua origem para ser reconhecida e levada, lentamente, até a praia. Outros animais também ajudaram no transporte e, quando a viu, o grãozinho se questionou onde estava a cor avermelhada dela; quando o viu, a estrela não acreditou no tamanho dele! Ambos tinham feito idealizações e riram por dentro ao ver que não correspondiam à realidade — de tão parecidos!

Iniciaram uma conversação genuína que durou centenas de séculos. Um animal ou outro parava para conversar e dividir seus pensamentos, outros ajudavam os dois a não serem soterrados pela areia, mesmo sendo um fato os grãos de areia também morrerem... Na verdade, se transformarem em parte do assoalho oceânico. E, quando já não havia mais o que falar entre si, pois um pensava exatamente como o outro — quase que um tinha se transformado no outro —, eles pediram para que os deixassem afundar e, depois, muito depois, apareceu a estrela-do-mar! Não uma, mas centenas, todas saídas do mesmo local do oceano, e todas sabiam várias histórias sobre o grãozinho de areia e a estrela cadente que se encontraram.

# Estrelas



Ilypada é dois de um só sentimento. A escrita o liberta enquanto prende os pensamentos em folhas de papel ou blocos de anotações. É a continuidade dos seus antepassados, uma operadora de novos e usados que escreve sendo líquido, sólidos ressentimentos.

O espaço nunca foi um bom lugar para amar.  
A solidão que nele habita  
É vasta como inúmeras estrelas  
Que estão sempre sozinhas  
Porque nunca conseguiram alcançar cometas.

É verdade que as estrelas não sentem o amor?  
Elas vivem no vasto vazio universal,  
Distantes de tudo,  
Em distâncias imensuráveis que  
Dissipam o sentimento viajante  
Que há anos-luz tenta chegar ao seu destino.

Porém, quando chega,  
Já não é mais respondido.  
A distância foi tamanha que acabou magoando  
Quem por tanto tempo esperou  
O amor ser correspondido.

É verdade que as estrelas não sentem o amor,  
Porém, é impossível não desejar senti-lo.  
De longe, o cometa foi arrebatador,  
Mas a distância dissipou o sentimento repentino.

O amor não adentra a órbita da estrela,  
Mas não há nada que o impeça  
De entrar na atmosfera terrena.  
Por isso eu peço aos cometas  
Que orbitam o sistema solar  
Que adentrem com tudo em mim,  
Pequeno planeta.



# Amor Próprio



Morana Violeta divide seu tempo entre ser fangirl, o trabalho e seus muitos pets. Enquanto tira Spider-Gwen de baixo da cama e evita que Quitéria arranhe o Hércules tem uma ou outra ideia absurda que vale a pena transformar em conto. Escreve o "Minha namorada gótica", uma newsletter sobre tropos de romance, cuidada das redes sociais da Eita! Magazine e tem um vem aí cheio de romance e capivaras pela revista Mafagafo.



Theo se apaixonou por si mesmo algumas vezes na vida. Quando se olhava no reflexo da piscina do condomínio, constantemente imaginava que o Theo de dentro da piscina era uma sereia que o atraía para o fundo do mar. Apaixonava-se de novo e de novo por aquelas águas que mostravam a pele bronzeada e os cílios pesados escondendo os olhos.

Um pouco mais velho, era apaixonado pela ideia de si, de sua capacidade de agradar, das roupas que ele mesmo customizava e da estrutura do rosto que permitia cabelos compridos quase na cintura.

Ele se apaixonou por si mesmo uma última vez enquanto pedia um café cheio de leite de amendoim e canela na cafeteria de sempre. João Marcos também estava no balcão, apressado, esperando seu pedido, distraído, olhando o celular a cada cinco segundos e nem reparando na pessoa praticamente idêntica ao lado.

Theo não tinha notado a semelhança na primeira vez que se viram. Estava atento a chamar a atenção do bonitão que também esperava o café e mais preocupado em flertar do que em reconhecer as próprias feições. Precisava agir enquanto João se preocupava com o relógio. Tinha prioridades. Theo colocou no rosto seu sorriso mais inofensivo e comentou como quem não quer nada:

— A gente com alergia a leite precisa se unir. Trocar uma ideia de lugares seguros pra comer. Me passa seu número? — insistiu, com a falta de reação de João. Theo estava acostumado a tomar iniciativa quando se sentia atraído por alguém.

João se assustou, ficou um pouco sem reação. Era o horário, a pressa e a falta de café. Theo tomou o celular de João e se adicionou por *QR Code*.

— Você é lindo, e eu adorei conhecer outra pessoa que não pode tomar leite. Vai ser ótimo ter alguém pra trocar figurinha e não ser a pessoa chata que odeia leite de soja. Você entende, né?

Foi com essa combinação de desinteresse fingido, motivo plausível, longos cabelos brilhantes e um sorriso com covinhas que Theo e João co-

meçaram a conversar por mensagem. Theo puxou assunto, listando todos os lugares que não usavam leite de soja, marcando um em especial por fazerem o próprio leite de castanhas. E João deu corda. Descobriram que o outro não tinha intolerância à lactose, mas a mesma alergia à proteína do leite. Esta era uma coincidência interessante.

A aparência de João já era o normal dos romances de Theo. Quando se apaixonava, geralmente era por um tipo específico de pessoa: precisavam ter certos cílios longos, maxilar bem marcado, maçãs do rosto altas, olhos marcantes, parecido o suficiente com ele mesmo para que lembrassem um reflexo turvo da água da piscina.

Não demorou muito, eles marcaram o primeiro encontro em uma cafeteria que João prometeu ter um leite de amêndoas delicioso. Theo aceitou, óbvio. Nem precisava da promessa do leite de amêndoas. O endereço indicava um bairro central, que Theo conhecia razoavelmente bem e não se atentou ao nome da rua. Só colocar no GPS, ele pensou. Seria fácil encontrar uma referência.

Ficou um pouco desconfiado, sentiu um estranhamento quando o mapa não indicou um café, mas podia ser um lugar tão exclusivo que não precisava ter o endereço em mapa ou redes sociais. Ou um lugar novo que não tinha sido verificado pelo Google. Se ao menos ele soubesse o nome do café e não apenas o endereço...

Para ter certeza que ia ao lugar certo, fez questão de ir de metrô e teve que andar um bom trecho da rua indicada. Theo contou dois cafés na beira da calçada até chegar ao número certo. Mas encontrou um prédio em reforma. Se ali tinha um café, devia ter fechado há um tempo e perdido qualquer sinal de vida no mapa. Agora fazia todo sentido.

Imaginando que João entraria em algum café próximo, andou um pouco mais à frente e depois voltou à rua, para um dos cafés que tinha visto antes, entrou e pediu um *chai*. Ali só tinha leite de soja, e Theo não adicionaria uma dose a mais de frustração no seu dia.

Ele esperou por quase uma hora e com um chá frio com gosto de água suja até desistir completamente. João não respondeu a nenhuma mensagem durante esse tempo. Parecia até que tinha fugido de Theo de propósito.

O celular tocou assim que ele saiu da estação de metrô. Era João. Queria atender com impaciência, jogar o dia perdido na cara dele, mas era melhor reclamar com alguém, com a fonte de sua raiva e despejar tudo o que sentia com paciência para João não desligar o telefone.

— Ufa! Ainda bem que você atendeu! — Foram as primeiras palavras de João, mal Theo atendeu o celular. — Eu entrei no café, estava te esperando,

acho que a bateria estragou, desligou de repente e até eu conseguir falar com você, fiquei com medo que a gente tivesse se perdido e você achasse que eu não apareci. Aconteceu alguma coisa? Você não veio.

— Eu esperei um bom tempo no café com a fachada rosa e a hostess vestida de maid.

— Puxa! Não era lá! Era na cafeteria do prédio. Nesse café que você foi só tem leite de soja.

Theo respirou fundo. Sim, só tinha leite de soja. Pensou em todos os detalhes que tinha dado atenção pra ficar lindo e arrumado pro encontro. Tinha até feito um look cheio de camadas pensando que ficaria horas sob o ar condicionado enquanto olhava o dia ensolarado pela janela, e só tinha leite de soja. Óbvio que errou o café, o que João indicou não existia. E ele disse isso.

— Eu tomei *chai*. Fiquei esperando você, tentando te ligar e confirmar o endereço. Era só ter atendido o telefone e me encontrado na porta, sabe?

— Foi mal! Eu vou te compensar da próxima vez. Escolhe o lugar que você quiser. Eu quero muito desfazer essa má impressão. A gente estava se dando tão bem antes de eu fazer essa confusão toda. Me dá uma chance.

Homem quando quer uma coisa fica todo manhoso. Theo não podia reclamar, pois fazia igual e dava certo. Que custava dar uma chance?

— Aparece no meu apartamento sábado, então — ofereceu Theo.

— Eu fiquei te esperando, não sei o que aconteceu. Pode ter sido uma atualização errada do mapa, não pode?

— Não sei, não tinha nenhuma atualização pendente... Deixa isso pra lá, sabe? Tem comida tailandesa aqui perto de casa e a gente desce pra buscar, que tal? Assim eu tenho certeza que não erro o endereço.

— Desculpa, Theo. De verdade. A gente se desencontrou feio, e esse celular pra ajudar ainda resetou! Eu estava lá te esperando. Me passa seu endereço, eu vou me desculpar direito e sugerir cafés mais fáceis de achar daqui por diante.

Gentileza assim era, com certeza, desejo pelo corpo nu de Theo. Essa certeza fez Theo perder a raiva e ficar mais tranquilo. Ele tinha mais a perder do que a ganhar se irritando. E, se depois de jantar e sexo ele se sentisse desapontado, não seria difícil dizer que, apesar de tudo, aquela primeira desfeita foi grande demais.

Daquela quarta-feira em diante, eles se falaram todos os dias. Era estranho nunca terem se encontrado antes. Descobriram que estudaram na mesma escola por um bom tempo, que fizeram aula de natação no mesmo lugar, a alergia a leite que os uniu desde o início, o aniversário era com dias de diferença e apenas porque Theo foi registrado no dia errado.

Theo contou a história toda de novo enquanto subiam pelo elevador do prédio onde morava.

— É só isso. Eu fui registrado no dia errado e, depois de tantos anos, minha mãe não sabe mais o dia certo, porque a diferença é pouca.

— Eu nasci 28 de fevereiro, mas estava marcado para 1 de março. Minha mãe teve medo de eu nascer dia 29 e passar a infância confuso por ter nascido em ano bissexto. Então, ela fez cirurgia e adiantou o parto por medo disso.

— Será que além de todas as coincidências, a gente ainda tem a mesma mãe? — Theo alcançou a mão de João para enlaçá-la em sua cintura, se aproximou, puxou para um abraço. Jogou os braços por cima dos ombros de João. — Mas você parece muito certinho pra ser filho de dona Vitória. Carinha de cria de apartamento...

Só deu tempo para um selinho antes da porta do elevador abrir. E os dois foram educados o suficiente para esperar até a porta antes de se beijarem de verdade e se despirem com pressa.

Outros dois encontros foram no apartamento de Theo. João mandava uma mensagem, buscava o jantar no restaurante tailandês e subia o elevador, mas um dia quis um encontro de verdade. Algo que desse cara de namoro para esse sexo casual, que desse a entender que os dois estavam sérios um com o outro.

— A gente devia experimentar aquele restaurante vegano que você queria ir, Theo. Aquele que a gente viu o cardápio no app de entrega — sugeri João um dia.

— Comida caseira e vegana. Dá água na boca só de pensar. E eu não vou ficar sem graça de perguntar os ingredientes de cada prato. Vou jogar a culpa em você.

— Pode jogar à vontade. Ninguém vai se importar em te trazer uma lista de ingredientes quando você disser “meu namorado é tão alérgico” e abrir esse sorriso com covinhas.

Esse “meu namorado” gerou um sorriso cheio de covinhas enquanto assistiam televisão esparramados no sofá.

— Seu namorado vai te tratar bem e te alimentar direito, pode deixar. Vai ser ótimo ir a um lugar diferente. Estou com medo de enjoar de comida tailandesa por sua causa, sabia?

— Tão rápido?

— Estou pensando a longo prazo, amor, a longo prazo.

— Amor, longo prazo. Estou gostando disso. — João pegou o celular do braço do sofá e se aproximou para mostrar o restaurante de novo. Descul-

pa para puxar assunto, para sentar mais perto e o cabelo de Theo cair sobre o rosto. — E tem um especial de cogumelos na quarta-feira. A gente pode chegar cedo e experimentar um pouco de tudo. E também tem moqueca, se a gente não gostar de nada.

— Acho que vai ser o suficiente pra me deixar feliz. — Theo voltou a atenção para a novela reprisada de noite, daquelas com pessoas muito parecidas se encontrando por acaso. Ele riu.

Tirando aqueles dias gostosos da cama para o sofá, o romance virou uma dessas novelas com desencontros dramáticos. Quando era pra se encontrarem no apartamento, ok. Fora disso, geralmente havia algum empecilho e obras da cidade causadas por eventos esportivos nunca foram tão criticadas quanto por aquele casal perdido na própria cidade.

Os dois bem que tentaram fazer aquele encontro dar certo. Isso era fato, apesar de João constantemente ser culpado por sua falta de organização. Em um desses encontros, por exemplo, Theo conseguiu chegar no restaurante vegano, daqueles com cara de comida caseira, sem problemas e às sete em ponto estava na mesa, uma das últimas fora da reserva, e se sentou contente perto da janela grande de vidro e o céu todo estreladinho esperando pelo namorado.

Porém, tanto o mapa de João quanto o do taxista não reconheciam aquela rua. João disse o endereço, mas a rua não existia, então indicou uma outra. No táxi, pediu que o motorista desse umas voltas no quarteirão devagar e esquadrinhou as ruas buscando um letreiro que fosse. Na rua indicada, havia um hipermercado de vários andares que tinha ocupado as vielas onde, para Theo, ficava uma casinha fofa que vendia comida vegana em ambiente intimista. Tão intimista e tão distante, que não oferecia wi-fi para os clientes e a operadora de Theo não dava sinal ali.

A plaquinha “conversem entre si” com um emoji sorridente deixando Theo mais e mais frustrado. Tão frustrado que pediu mais comida do que aguentava comer, mandou tirar os 10% do garçom e reclamou tanto que não cobraram o preço das embalagens para viagem.

Voltou para casa e encontrou João esperando na portaria, jogando conversa fora com o vigia e preocupado com Theo. Dava para ver a preocupação nos ombros relaxados, pupilas dilatadas e passos rápidos até abraçar uma versão igualmente deprimida de Theo.

— O que você está fazendo aqui? — Foi a reação de Theo.

— Eu me perdi. Não sei, não consegui chegar. — Theo não fez nenhum movimento para se afastar. — Quer conversar lá em cima?

João o desenlaçou dos braços e deu um passo atrás para que Theo fos-

se a passos largos até o elevador. Despediu-se rápido do vigia e seguiu Theo, os dois esperando o elevador descer do sexto andar em silêncio. Continuou quieto quando entraram, encarando os números do elevador.

— É frustrante como você não se esforça pra ser organizado. É celular estragado, fica perdido... O que você precisa pra não furar mais comigo?

— Desculpa. Eu devia ter visto o endereço antes.

A porta do elevador abriu e deixou os dois no oitavo andar.

— Eu compro um celular novo — continuou João. — Baixo um app de organização. Foi só essa vez. E eu fiquei bastante preocupado de não conseguir falar com você durante todo esse tempo. Achei mais seguro voltar e ter certeza de que você não estava bravo comigo. Redução de danos, sabe?

Pegou as bolsas de Theo enquanto ele tirava o cabelo do rosto e abria a porta do apartamento.

— É só um pouco frustrante pensar que tem algo que não quer que a gente se encontre. Se a gente não se visse aqui em casa, eu acharia que tem algo errado.

João não respondeu, mas não achava que tivessem dificuldade em se encontrar. Acidentes acontecem e, às vezes, eles estavam numa fase azarada e precisavam se organizar melhor. Quais as chances de você conseguir encontrar com uma outra versão de si desde que em alguns lugares específicos? Sentar com ela para o café? E pior, de se falarem pelo celular mesmo a um universo de distância? Eram só dois caras fisicamente parecidos namorando, nada de excepcional. Por que pensariam que havia algo além?

Mas as coisas começam a ficar mais estranhas com a convivência. Um dia em especial foi marcante. Eles iriam voltar ao tal café com leite de castanha de caju. João conhecia o lugar: era uma rua arborizada, daquelas com canteiro separando as pistas de carro e prédios residenciais de três andares reformados para uso comercial. Tinha pensado que Theo adoraria o ambiente destoante do resto da cidade, um cantinho com cara de bairro artístico e perto do metrô.

Estavam os dois na casa de Theo. Pediram um carro no app para não andarem vinte minutos até a estação, entraram no metrô e saíram na estação certa, mas João não fazia ideia de onde estavam.

— É aqui, certo? — perguntou Theo.

— Não. Na verdade, não, mas a estação está certa. Foi aqui que você veio da outra vez?

Theo assentiu com a cabeça.

— Isso é muito esquisito — resmungou João para si.

Tomou a mão de Theo na sua e desceram a rua. Uma rua comercial

completamente normal. Prédios de 10 andares cheios de placas de dentistas e advogados, cada um com uma farmácia no térreo, com a exceção de alguns restaurantes a quilo, uma academia e as duas cafeterias.

Uma das cafeterias ficava bem no início da rua, no único prédio de três andares que não tinha nenhum canteiro ou arborização: o tal do Maid café com leite de amendoim que João sempre evitava. Atendimento nenhum do mundo compensa leite de amendoim. Incrédulo, tomou a mão de Theo na sua e desceram a rua, aqui uma avenida, até o final.

— Esse café está fechado, João. Desiste. Você deve ter vindo há alguns anos atrás. As lojas fecham muito rápido por aqui. — Theo tentou fazê-los mudar de direção, levar João de volta para o metrô. — Vamos pra outro lugar.

João abriu o *Maps* para procurar o número do prédio certo, mas o aplicativo não carregava.

— Seu celular é um lixo — continuou Theo. — Olha do meu.

O mapa indicava até o mesmo nome do café que João queria ir, mas quando chegaram na porta era o prédio em reforma o tempo todo.

— E eu achando que você estava fazendo drama o tempo todo e tinha se perdido. Eu posso ser enrolado, mas seu senso de direção é péssimo. — Riu João.

— Sabe o que isso parece? — lembrou Theo. — Da vez em que fomos pra casa da sua mãe e você precisou me buscar, porque o endereço não batia. Foi a mesma coisa que agora, a rua era até parecida, mas eu chamei na casa e nem me atenderam no interfone.

Eles começaram a fazer testes com as possibilidades, e até a fazer piadas sobre isso. “Será que vamos chegar no casamento da sua irmã, Theo?” ou chamar os pontos comuns do universo de “nossa área”.

Mas não, não conseguiram chegar até o casamento da irmã de Theo, nem ao churrasco da firma, que ficava em uma zona comum. Eles entendiam que havia algo os separando, mas as piadas não davam conta da frustração de voltar a fazer sozinhos algo que era do casal.

E se tudo acabasse?

Era a dúvida que ficava no ar e aquele encontro do destino tinha data marcada para terminar. O apartamento de Theo ainda era um ponto comum, mas e quando não fosse? Os dois juntos passavam mais tempo casualmente abraçados vendo filmes de ficção científica e saltos temporais, sonhando com as soluções mais absurdas. Maratonaram *Orphan Black*, *Doctor Who*, *Interstellar* e *Aniquilação*. João chorou em mais da metade dos episódios de *Doctor Who*.

— Sabe que é uma comédia, certo?

— *Doctor Who* deixa as pessoas pra trás quando chegar a hora, como

ele consegue? — respondeu João. As mãos se mexiam, mas ele não conseguia colocar em palavras que aquele distanciamento parecia tão mais forte por estar tão próximo dos dois.

— Ele deixa boas lembranças, as *companions* se tornam versões melhores de si e a vida é assim... — Tentou Theo para um João bem deprimido. Restava mudar de tática. — Podemos pensar em um plano.

— Mais uma lista — brincou João, secando as últimas lágrimas.

— Mais uma lista. Nosso próprio diário de River Song. Um mapa da nossa área. Aproveitar que a moeda é a mesma para comprarmos um apartamento em que as duas famílias consigam ir, que seja um ponto central, como o café da primeira vez, ou você se mudar pra cá. A gente testa lugares.

— Não seria mais seguro decidir entre o meu mundo e o seu? Como a gente pode saber se a nossa área vai diminuir até estarmos no mesmo lugar em mundos diferentes?

— João, estou te pedindo pra morar comigo, praticamente em casamento, toda gay emocionada e você pensando em terminar comigo?

— A gente vai casar, o mundo vai acabar, ou implodir, ou sei lá, mas vamos ficar juntos o máximo que a gente conseguir. E uma aliança bem grande no meu anelar esquerdo — complementa Theo. — Eu faço até casamento temático, se você quiser.

— Não! Não precisa! Não quero! — João riu por um segundo antes de voltar à melancolia. — E se nos separarmos no trabalho, no caminho de voltar pra casa?

— Siga o mapa. Eu procuro você até te achar e te trazer de volta. Satisfeito?

João se voltou para a televisão, pegou o controle remoto e já pensava em um filme bem mais animado para assistir, ou parar de assistir na metade.

— Foi muita sorte ter encontrado você.

— E pensar que eu vivi ouvindo piadas sobre opostos se atraírem por causa dos meus namorados. E a gente não deu a maior sorte, sendo os dois intolerantes à lactose! Um brinde aos intolerantes à lactose!

Autoria: Marcos Guimarães

# Arte Digital



Marcos é nutricionista, pesquisador, escritor e desenhista.

 [@rodrigolettering](https://www.instagram.com/rodrigolettering)



Autoria: Guilherme Brasil

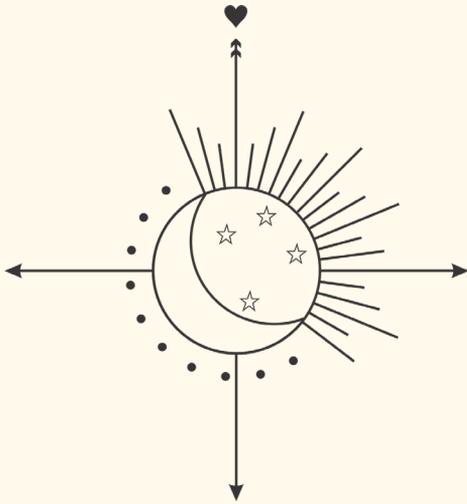
# Pés no Chão



Guilherme Brasil é amante das palavras. Casou-se com a Redação Publicitária, mas fugiu com o Teatro ao descobrir que ali as palavras não eram apenas ditas, mas também materializadas. Eterno comparsa dos versos, hoje Guilherme habita o palco, a crônica e a poesia. Publicou nas revistas Alcateia, Fluxos, Motus, Tremembé, dentre outras. Está nas antologias Todo mundo em casa (ed. Apparere), Poemas do Eu (ed. Persona) e tem um livro de crônicas no prelo (2º lugar no Prêmio Uirapuru, ed. Folheando).

 [@\\_guilherme\\_brasil\\_](https://www.instagram.com/_guilherme_brasil_)

Coração, quando tem os pés no chão,  
é um sinal de que o Amor está descalço  
e os pontos pegados no seu encalço  
são os rastros da nossa união.



Quando a noite abre a porta e a vida adentra,  
o amor acende a luz no negro azul  
luzindo feito um cruzeiro do sul  
num brilho que inspira, enfeita e orienta.

Lá no horizonte nosso amor nasceu  
e num eclipse então se transformou  
pois, feito o céu, a vida assim juntou  
o Sol e a Lua assim como ela e eu.

Não sei ao certo se destino ou sorte  
foram os guias do nosso caminho,  
rosa dos ventos nunca tem espinho  
pois nosso amor é sempre o nosso Norte.



# Créditos

## **Equipe editorial**

Ana Farias Ferrari  
Camila Paixão  
Luísa Scheid  
Tatiane Lucheis  
Thais Rocha

## **Equipe de design**

Rafael Lopes

## **Autores Selecionados**

Bia Chaves  
Guilherme Brasil  
Iyipada  
LSLauri  
Marcos Guimarães  
Morana Violeta

## **Autores Convidados**

Jonah

## **Apoiadores**

Ariane Barreto Haagsma  
Bárbara de Lima Morais  
Elizabeth Fortunatti Albregard  
Érulos Ferrari Filho  
Nicole Alcântara Botelho  
Velani Salim Diz  
Willian Miyasaka

## **Antigos Apoiadores**

Benjamin Franco  
Camila Cristina Crosnag  
Fracalossi  
Daniele Ferreira  
Diego Toledo  
Lucas Eiji Kong Fukue

# Apoie esta revista

Se você gostou do conteúdo e quer nos ajudar a caramelizar mais maçãs, você pode nos apoiar através do Catarse. A Revista Maçã do Amor conta com voluntários, que editarão e publicarão a revista independentemente do valor arrecadado. Ao apoiar, você ajuda a garantir que esse trabalho aconteça com a remuneração da equipe e futuramente dos artistas publicados. A Maçã do Amor é feita de brasileiros para brasileiros, focada na expressão de artistas nacionais. Financiar a Maçã do Amor é financiar a literatura e a arte visual nacional.

## Dê uma maçã

Se você gostou do conteúdo mas não pode nos apoiar financeiramente, compartilhe esta revista com seus conhecidos. Ajude-nos a levar amor para todos os cantos. Além disso, você também pode votar através do nosso site e dar uma maçã virtual para seus artistas favoritos.

[Vote aqui!](#)

## Participe

A Maçã do Amor é uma revista de participação aberta. Você pode enviar seus textos através dos editais para as redes sociais ou para a revista. Confira nosso site para maiores informações e seja você também uma Maçã do Amor.

 [www.revistamacadoamor.com](http://www.revistamacadoamor.com)

 [@leiamacadoamor](https://twitter.com/leiamacadoamor)  [@leiamacadoamor](https://www.instagram.com/leiamacadoamor)